

A REPERCURSÃO DA ANTROPOLOGIA NO TURISMO: REFLEXÕES A RESPEITO DO ESTÁGIO DOCENCIA

ADARA GUIMARÃES DE SOUZA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – adarawork@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas– louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está sendo formulado por meio de uma reflexão a partir do cumprimento do estágio docência. Visto que é uma disciplina obrigatória pois sou bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sendo esta, uma das condições para o recebimento da bolsa conforme a Portaria Capes nº76 /2010. O estágio foi realizado no primeiro semestre de 2019 na turma do turismo, onde para eles/as a disciplina é obrigatória, que tinha como nome: antropologia para o turismo. A professora da disciplina foi a Doutora Louise Prado Alfonso, onde também é minha orientadora no mestrado no programa de pós-graduação antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

O acontecimento da disciplina se desenvolveu por meio de reflexões a partir das leituras selecionadas pela professora. Sua proposta era de situar os/as alunos/as da turma para um outro olhar sobre Pelotas, atentando para os lugares e narrativas que são valorizados nos pontos turísticos da cidade e salientado sobre a importância da antropologia para o turismo, que pode permitir rever a postura da profissão e enquanto futuros/as turismólogos/as, voltando o olhar para uma perspectiva humanizadora que contempla outros contextos que não são mencionados nos folhetinhos turísticos.

Para esse novo olhar, tivemos textos antropológicos que tratavam sobre pontos importantes para a antropologia tais como, alteridade, relativização, o que é e como se faz uma etnografia e entre outros.

A cadeira se desenvolveu por três etapas, onde na primeira constituiu-se na realização de uma etnografia; a segunda através de apresentações de seminários e a terceira por meio de uma etnografia. Contamos com participações de alguns alunos que estavam em seu último ano da graduação e alguns/as formados/as em turismo que apresentaram suas propostas de etnografias. Também tivemos algumas alunas do mestrado em arqueologia que trouxeram suas propostas que pesquisas que auxiliassem no cumprimento desta. A disciplina foi baseada a partir do diálogo a partir dos textos e vivência dos/as alunos/as que só agregaram para a formulação da disciplina.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Para que a antropologia serve para o turismo?” essa foi a primeira pergunta que a professora fez para a turma. Muitos/as nem imaginavam o que era antropologia ou muito menos para que ela servia. Enquanto realizava meu estágio notei algumas questões que me fizeram refletir sobre a educação do nosso país, por exemplo, quando ingressamos para a universidade possuímos um déficit em nossa escrita e em relação à leitura. Isso reflete o medo que notei dos/as alunos/as na realização de algumas atividades que a professora solicitava, por exemplo, resenhas, apresentações de seminário, trabalhos textuais e na interpretação da leitura (liam, porém não entendiam o que estavam lendo). Estes são pontos cruciais que nos ajudam a seguir na vida acadêmica, que muitas das vezes não são abordados nas escolas.

Através dessa análise, pude perceber o amadurecimento da turma ao longo do semestre, por meio do comprometimento dos/as alunos/as com as leituras e porque estavam abertos/as a refletir sobre algumas questões que eram trazidas em sala de aula. Para alguns alunos e alunas o processo de relativização, de tornar o estranho em familiar e o familiar em estranho (VELHO, 1999), foi um “exercício sofrido” como alguns e algumas mencionaram, porém extremamente necessário. Essa dificuldade só reflete como nós fomos formados/as a partir de uma visão etnocêntrica, é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como o centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é existência (ROCHA, 1991, p. 7). Enquanto monitora de estágio docência, pude perceber o desconforto por parte dos/as estudantes em relação a certos temas que foram abordados em sala de aula, que são assuntos que norteiam nossa sociedade, por exemplo, a religião, mais precisamente o cristianismo que permeia em nossa sociedade pautando nossas atitudes, nos mostrando o que é certo ou não.

O intuito da professora não era de tornar adpetos contra o cristianismo, mas o papel dela, enquanto antropóloga era de nos ajudar a ter um olhar crítico sobre todos os aspectos de nossa vida, nos fazendo refletir sobre pessoas que são invisibilizadas pelas histórias oficiais, trazendo os diálogos e vivências dessas pessoas e atentando para as demandas delas. Isso me faz lembrar outra questão da turma, onde em sua maioria usavam epistemologias que estão sendo repensadas, por exemplo, “escravos/as” ou “índios/as” “que moram em ocas”. Aprendemos que esses termos são carregados de significados coloniais, que reforçam a categorização dessas pessoas. Agora, sob o olhar antropológico aprendemos que devemos falar da forma que eles/elas se reconhecem. O assutado

Foi muito interessante ver que eles/as estavam abertos para esse novo olhar. No decorrer das aulas os/as alunos/as estavam seguros para contar suas vivências, medos, inseguranças, preocupações e etc.

A primeira avaliação da disciplina ocorreu através da realização de uma etnografia. Nessa avaliação foram selecionadas algumas atividades como por exemplo, aula no mercado público e assistimos a assembleia geral dos estudantes da UFPEL onde foi discutido sobre os cortes e gastos que estavam acontecendo na universidade. Tivemos também um percurso turístico com alguns alunos/as do último ano do turismo. Nessa rota abordava alguns casarões “importantes” para a formação do processo de construção da cidade.

Na primeira etnografia, os alunos não conseguiram utilizar os conceitos que foram discutidos no texto e em sala de aula. Com isso, a professora chamou

alguns/mas alunos/as veteranos do turismo para demonstrar através de apresentações de trabalhos etnográficos, como os conceitos trabalhados em sala de aula poderiam auxiliar na realização da etnografia. Tivemos várias apresentações que trataram em suas pesquisas diversas temáticas como por exemplo, lgbt+, prostituição, a população negra no século XX e XIX em Pelotas e projetos de extensão. Assuntos que bordam um novo olhar sobre o que é narrado sobre pelotas.

Logo depois das apresentações tive a oportunidade de apresentar o meu projeto que quero trabalhar para o mestrado, intitulado por: Você constrói, mas não existe: uma análise arqueológica sobre a população negra pelotense do século XX. O intuito da pesquisa é de compreender onde a população negra do século XX estava em Pelotas. Através da realização de uma arqueologia documental, de acordo com Beaudry (1988a) podemos conceber o jornal como a cultura material, ou seja, como o próprio artefato, que a partir dele podemos recriar alguns aspectos do passado em que o nosso objeto de pesquisa está inserido. Dessa maneira posso compreender algumas questões do cotidiano da população afro, se estavam envolvidos/as em festas, prisões, à frente de negócios etc. Durante a realização da pesquisa percebi que a população se encontrava em maior número na condição de vítima ao invés de autores de crimes. No decorrer dessa aula a professora levantou algumas questões que estimulasse a reflexão sobre questões raciais atuais vividas por alunos/as e sobre notícias que ainda retratavam esse quadro.

Para a segunda avaliação, a turma foi dividida em 5 grupos que apresentariam alguns estudos de casos antropológicos que envolviam temas turísticos, os textos foram selecionados pela professora e o grupo escolhia qual se aproximava do interesse em comum entre eles/as. A terceira avaliação foi a realização da etnografia com o tema, grupo social ou o lugar que os/as próprios/as estudantes quisessem. Nesta última avaliação, os/as alunos/as teriam de discutir algumas questões teóricas obrigatoriamente, porque não houve o cumprimento desta na primeira avaliação. Para esse último exercício etnográfico seria um requisito para avaliação a utilização de pelo menos 2 termos discutidos em sala de aula.

3. CONCLUSÕES

Acreditamos que a disciplina possibilitou a construção de conhecimento em conjunto, onde os/as alunos/as, a professora e eu na realização do meu estágio docência trocamos experiências, fazendo com o que ficasse mais compreensível a matéria. Consideramos que problematizar e relativizar são processos de extrema importância, pois conseguimos desconstruir paradigmas que nós desenvolvemos ao longo de nossas vidas. A antropologia é uma ciência que nos auxilia na compreensão das dinâmicas sociais e através dela, percebemos que cada cultura é única e fluida (LARAIA, 2009). Tendo essa premissa como base podemos cumprir o ofício de nossas profissões, no sentido de mostrar que existem outros tipos de histórias, outros contextos e outras formas de habitar, fazer ou existir. Através dela, a antropologia, temos o conhecimento dessas outras narrativas, nos tornamos mais tolerantes e mais perceptíveis as demandas

locais. Tornando dessa maneira o nosso trabalho mais relevante a essas sociedades.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BEAUDRY, Mary. **Documentary archaeology in the New World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.